

# **DA LEITURA DO JORNAL À LEITURA DO MUNDO KURÂ-BAKAIRI: REVITALIZANDO A ESCRITA ATRAVÉS DA INTERDISCIPLINARIDADE**

ARYANE APARECIDA ANTONIO (FACULDADES INTEGRADAS CLARETIANAS).

## **Resumo**

A escrita na Língua Portuguesa com o passar do tempo e devido ao contato dos indígenas com os não-indígenas passou a ser uma necessidade coletiva para que os povos indígenas pudessem alcançar outros espaços. A comunidade Bakairi, especificamente a aldeia Pakuera no município de Paranatinga/MT, não pensa diferente de outras etnias quanto à preocupação em preparar seus jovens para que conquistem uma profissão, por isso, o pedido de um professor não-indígena para trabalhar a Língua Portuguesa. No entanto, com o convívio permanente entre os Kurâ, observou-se que a oralidade é indiscutivelmente preservada, mas por outro lado a escrita materna tem cedido excessivamente espaço para a escrita do Português. Por isso, buscou-se através do trabalho com o jornal contemplar as expectativas dos alunos no que diz respeito à Língua Portuguesa, mas acima de tudo demonstrar as possibilidades de transpor todo o conhecimento adquirido para o seu contexto, e finalmente, torná-lo original através da escrita Bakairi/Carib. A realização de todo trabalho exigiu dos alunos um resgate da escrita materna, amparando-se no conhecimento de algumas pessoas da comunidade que a conhecem e lidam bem, já que a maior parte dos alunos tem dificuldades para utilizá-la. Faz-se importante ressaltar que o Bakairi ainda não tem uma língua escrita normatizada, assim como tanto outros povos, todavia, as atividades acabaram de certa forma contribuindo para o repasse e o fortalecimento da mesma. A pretensão foi transpor a aquisição deste saber para o cotidiano dos alunos tecendo uma teia que começou pelo contato e conhecimento do material, uma vez que o grupo não o mantinha, prosseguindo por todos os estágios até a produção do jornal impresso. Posteriormente, pelos resultados colhidos pelo grupo, do papel o jornal transformou-se em um tele-jornal, criando ramificações para outros trabalhos.

## **Palavras-chave:**

Leitura, Escrita, Interdisciplinaridade.

## **I - Introdução**

A etnia Bakairi soma-se com aproximadamente um mil indivíduos, pertence à família lingüística Karib e falantes do Bakairi[1]. Situa-se atualmente em duas áreas: no município de Nobres (quatro aldeias) e no município de Paranatinga (onze aldeias), ambos em Mato Grosso. O trabalho apresentado refere-se a este último município, especificamente a aldeia Pakuera.

Após o contato dos povos indígenas com os não-indígenas, a língua portuguesa passou a ser o instrumento de defesa para tais sociedades. Ao compreender e interpretar o português, o aluno indígena como cidadão brasileiro, sobretudo passa a entender o funcionamento da sociedade dominadora e assim a intervir em prol de seu povo.

Consequentemente, a língua portuguesa contribui também para que os diversos povos indígenas possam se relacionar, adquirindo força política para reivindicar e propor soluções para as questões comuns a todas as comunidades.

Essa necessidade ocasionou a solicitação de um professor não-indígena à Faculdade Claretianas de Rio Claro/ SP para trabalhar a língua portuguesa com os alunos concluintes e egressos do ensino médio. O relacionamento entre a comunidade Bakairi e a instituição advém de antigas parcerias, facilitando o contato e a realização do trabalho.

O contato com o jornal surgiu dos debates promovidos durante as aulas de interpretação de textos, onde o grupo trabalhava com a leitura e a discussão dos assuntos levados para a aula. Um dos objetivos foi desenvolver a leitura crítica de textos e a ordenação das idéias colhidas através dos debates, propiciando que cada aluno construísse argumentos consistentes para defender seu ponto de vista.

O desenvolvimento do trabalho fez com que os dez alunos participantes percebessem a possibilidade da produção de um jornal que além de adequar as notícias ao contexto, transpusesse o conteúdo para a língua materna, uma vez que esta é a língua de instrução oral utilizada na escola. As atividades contribuíram para a percepção da viabilização da escola tornar a língua materna, também um meio de instrução escrita.

## **II - A escrita muito antes de Karl von den Steinen**

O Bakairi desde o contato com o não-indígena, assim como muitas sociedades indígenas passou a modificar o seu modo de se relacionar com o mundo, através das novidades trazidas pelo "karaiwa"[2], como por exemplo, diversos utensílios domésticos e principalmente as línguas. A etnia em questão na primeira década do século XVIII dividiu-se em três partes após conflitos internos e com outras etnias. A maior parte dos Kurâ ficou entre Nobres e Paranatinga, estabelecendo desde então contato com os fazendeiros próximos à reserva, envolvidos em atividades mineradoras e de pecuária respectivamente. A outra parte rumou para o Alto Xingu.

As duas partes que ficaram entre Nobres e Paranatinga aprenderam aos poucos e por poucos indígenas, a se comunicar na língua portuguesa pela necessidade de compreender as intenções do não-indígena, e assim tentar se proteger.

Somente a partir de 1884 com a expedição do pesquisador Karl von den Steinen é que o Bakairi passa a ter mais visibilidade no cenário nacional. Segundo fontes escritas (Apud Taukane, 1999), em 1882 o capitão Reginaldo, líder do grupo de Arinos, atualmente conhecido como Terra Indígena Santana (Nobres), dirigiu-se com 12 homens ao Presidente da Província portando em mãos uma carta escrita a próprio punho em português, além de possuir conhecimento prático de língua francesa aprendido no convívio com um oficial do exército que depois de abandonar a carreira militar, passou a morar entre os Bakairi de Santana.

Outro líder importante na história deste povo, Antoninho (Kuiakare) também mostrou conhecer a língua portuguesa ao elaborar um documento datado de 24 de maio de 1924 (Taukane, 1999) reivindicando o direito de expulsar do Posto os funcionários que não os respeitasse.

*...Faço sciente a espetoria de Cuiabá que está passsando aqui no dito Posto. Eu Capitão Antoninho e Capitão Roberto Joaquim dos Sancto e mais pessoais fais esta chexa [queixa?] que o empregado do Posto Bacahiris esta maltratando sobre ropa que estão, jamais nunca sobra pano ..., mais é para Bacahiris até chumbo elle mandou vir de La da espetoria diz que era prara matar Bacahiriz... pesso o Governo*

*da espetoria uma orde que todos os empregados que vier aqui não cervi e não respeitar nois podemos tirar pra fora do Posto. E assim receba recado do Capitao Antoninho e do Capitão Roberto Joaquim dos Sancto (Ass: Antoninho e Sancto, 1924: Filme 213, fotograma 250, apud Taukane, 1999).*

Desde o conhecimento das primeiras escritas em português e unindo-se a outras etnias, os povos indígenas compreenderam que para lutar e conquistar espaço e respeito entre os "karaiwa" precisariam de mais, ou seja, o que antes era suficiente tendo um único líder conhecedor da língua dominante, com o tempo passou a ser pouco, tornando-se então em uma necessidade coletiva. Tal fato por outro lado, revela outro anseio, assim como cita D'Angelis (D'Angelis, 2007):

...somente quando parcelas importantes da comunidade indígena se inserem em um processo de assimilação crescente à sociedade e cultura não-índia, isto é, a sociedade nacional envolvente, é que o domínio da escrita do Português se apresenta como necessidade (e aspiração) individual. (p.14).

Sendo assim, quanto mais escolarização o indivíduo indígena obtiver, mais intensas serão suas relações com o não-indígena, facilitando o contato com os órgãos apoiadores de tais causas. Por conseguinte, os mais "instruídos" terão maior visibilidade política dentro de sua comunidade.

Atualmente os Kurâ de Paranatinga contam com o ensino fundamental e médio, conquistados a duras penas ao longo do tempo. Ao possibilitar que seus alunos concluam os estudos dentro das aldeias, a comunidade reforça ainda mais os laços familiares e evita diversos problemas que os jovens indígenas sem as mesmas oportunidades, sofrem fora de seu ambiente cultural.

Desde então, a escola Bakairi, e refiro-me a educação escolar, uma vez que o pouco tempo que convivo com esta comunidade valeu-me mais do que todos os estudos regulares, incluindo o universitário, busca melhorar e garantir todos os direitos firmados em leis.

### **Jornal: informação ou distração? Descobrindo os caminhos**

Seguindo um dos preceitos do letramento que segundo Kleiman (2005) "é uma prática sociocultural de uso da língua escrita que vai se transformando ao longo do tempo, segundo as épocas e as pessoas que a usam e que pode ser libertadora", atentei-me em identificar de que maneira a escrita e a leitura estava inserida dentro da comunidade Bakairi, considerando as transformações a que esta foi submetida no processo de aprendizado da língua portuguesa.

O diagnóstico partiu das aulas de interpretação de textos, onde eu recolhia jornais e revistas doadas pela prefeitura local e debatia as notícias com os alunos. Essas aulas tinham como objetivo colaborar para a compreensão crítica e a exposição das idéias, uma vez que os alunos indígenas relataram no começo das aulas a grande dificuldade que enfrentam nas provas orais as quais são submetidos para aprovação em cursos de graduação.

O resultado demonstrou que os alunos compreensivelmente se sentiam inseguros para expor seus pensamentos, além de não terem ainda participado de uma aula sem que fosse necessário utilizar prioritariamente papel e caneta, o que no início causou estranhamento e algumas críticas. Aos poucos a turma aprendeu a trabalhar em grupo e a respeitar mesmo com uma opinião contrária, o ponto de vista do outro.

Como já citado, o jornal e a revista foram os materiais escolhidos para desenvolver as atividades de interpretação de textos, porém o grupo não mantinha contato com esse meio de comunicação por vários motivos, dentre eles: o difícil acesso e a falta de um jornal local. No entanto a colaboração da prefeitura doando os jornais regionais e estadual foi essencial para o trabalho.

Essa escolha deve-se a inserção das tecnologias dentro das áreas indígenas preparando-os para lidar com as informações e reconhecer suas verdades e suas ambigüidades, ensinando-os a "ler" o que não foi escrito, além de explicitar como um material rico como o jornal ou simplesmente uma notícia, desenvolvem diversos temas, afirmando a citação de Roland Bathes (1988): "A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O texto é, creio eu, um desses objetos". Através desta observação é que procurei realizar as atividades, ou seja, de modo a fazer com que cada aluno pudesse criar suas notícias, seus textos do ponto de vista próprio e assim propor a outro colega o desafio de descobrir outras possibilidades.

A primeira atividade proposta foi de conhecer e reconhecer o material e a estrutura que ele apresenta. Os alunos foram "destrinchando" cada seção e relacionando com a intenção que cada uma pretende. A identificação dos principais elementos de uma notícia: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? desenvolveram a capacidade argumentativa e crítica dos alunos, propondo que concordassem ou discordassem de um texto ou notícia através de argumentos convincentes, o que fez com que estabelecessem a distinção entre fato e opinião.

A oferta de jornais de várias localidades fez com que o grupo identificasse as semelhanças e diferenças da diagramação, primeira página, manchetes, leads e à enumeração das temáticas abordadas, assim as discussões acerca dos propósitos requereram um período extenso, dada à importância e as diversas visões que foram surgindo, demonstrando nitidamente as transformações.

Na medida em que o grupo se familiarizava com o material passava a observar com mais atenção os acontecimentos sociais da própria comunidade e durante os debates, a sugerir algumas soluções que mesmo permanecendo apenas entre os alunos, faziam com que sentissem o progresso.

As notícias trazidas para as discussões foram selecionadas pelo grupo após as primeiras leituras do jornal. Ao mesmo tempo em que descobriam o material, também o relacionava ao cotidiano, pois muitas matérias tinham relação com os povos indígenas. Um exemplo claro e atual na época foi às constantes manifestações realizadas pelos indígenas da reserva Raposa Serra do Sol em que o jornal O Estado de São Paulo[3] publicou uma reportagem sobre a reserva, onde um Almirante criticou a demarcação contínua das terras.

O grupo explanou o assunto com facilidade lembrando a demarcação que suas terras sofreram em 1960 (Projeto Tucum, 2003), perdendo do seu território uma área equivalente a 8.000 ha, conhecida como aldeia Paxola, tendo sua reconquista no ano de 1986 sem qualquer tipo de violência por parte dos indígenas. Como o objetivo inicial foi de trabalhar a língua portuguesa, à medida que líamos as reportagens mesclávamos com as atividades centrais do conteúdo contemplando os anseios com relação ao português e desenvolvendo novas habilidades textuais.

Entre os assuntos sobre demarcações, outras problemáticas surgiam durante as discussões e conseqüentemente, as divergências. O grupo reconheceu que este é um dos papéis que a imprensa, tanto do jornal impresso quanto do tele-jornal tem (ou deveria ter) como objetivo, ou seja, informar a população e fazer com que esta

abstraia das notícias uma nova visão ou reforce os argumentos apresentados, reafirmando os pontos de vista ali expostos, sem ser tendencioso.

Com o prosseguimento das atividades os alunos concluíram que o jornal tem como função primordial informar, mas que devido a problemas educacionais brasileiros referentes à qualidade e as condições de ensino, para atingir os leitores acaba por apelar ora através da distração ora através das tragédias, limitando-se a vender.

A segurança que os alunos foram construindo ao longo das atividades direcionou o trabalho para a elaboração de um jornal local que trouxesse reportagens pertinentes ao seu povo. O grupo se organizou para distribuir as tarefas e as responsabilidades que cada um assumiu de acordo e respeitando as afinidades que têm com determinado tipo de matéria jornalística. Dessa maneira, surgiu a primeira produção de jornal escolar na aldeia Pakuera da etnia Bakairi.

### **III - Transvendo as possibilidades**

Partimos para a comparação de um jornal local x jornal escolar, explicitando os tipos de textos e os gêneros textuais presentes no jornal escolar, incentivando a produção de cartas do leitor ou artigos de opinião sobre um problema da comunidade e da escola o que nos levou a definirmos quais assuntos eram interessantes para escrevermos.

Em conjunto e baseados nos jornais que o grupo havia trabalhado resolveu-se que o jornal trataria mais dos problemas da comunidade e que deixariam para outra oportunidade para escrever sobre assuntos estaduais ou nacionais; discorreriam sobre segurança no trânsito da aldeia, a cultura indígena Bakairi, política no município de Paranatinga e infra-estrutura da escola. Como entretenimento escolheram falar de esporte, culinária, piadas, pensamento, cruzadinha, poesia e uma seção com fotos dos últimos acontecimentos na aldeia.

A decisão de incluir e dar o mesmo espaço para notícias e entretenimento surgiu da reflexão do grupo de que a comunidade não está habituada e familiarizada com a leitura de jornais, por isso, precisaríamos criar um espaço que atraísse o leitor, assim como também acontece com o público da cidade que por não desenvolver o hábito da leitura crítica acaba por ler apenas as colunas de diversão.

Ao produzir o jornal escolar e comunitário os alunos assumiram o papel de jornalistas e antes de escrever suas matérias foram a campo pesquisar sobre as reais condições do assunto que tratariam cientes da conclusão que eles obtiveram de não faltar com a verdade. Passaram a andar pela aldeia buscando maiores informações e entrevistando pessoas que auxiliassem na produção dos textos. Durante todo o trabalho de campo acompanhei um a um observando e dando dicas para facilitar nas anotações mais relevantes.

Com as informações colhidas puderam então elaborar o texto e refazê-lo quando necessário. O grupo trocou por diversas vezes os textos entre si para identificar erros que estariam dificultando a compreensão do leitor, possibilitando correções e maior entendimento do assunto.

O nome do jornal foi uma decisão feita por todo o grupo, pois cada um pôde sugerir um nome e após as conversas chegou-se a um consenso para defini-lo, sendo denominado de "Noticiário Bakairi". Faz-se importante ressaltar que o projeto de

trabalhar a língua portuguesa através do jornal a princípio não almejava sua publicação, nem mesmo entre a comunidade e a escola, mas com o desenrolar das atividades e a motivação dos alunos, o grupo passou a aspirar outras possibilidades.

Como já citado no início do trabalho as atividades propostas alcançaram o objetivo inicial de trabalhar o português com os alunos, e inesperadamente foi além. A interdisciplinaridade trabalhada através do jornal possibilitou a construção dos significados por meio do aproveitamento e da incorporação de relações vivenciadas e valorizadas no contexto em que a realidade é tecida, ou seja, o enraizamento dos conceitos vistos.

O resultado do jornal surpreendeu todo o grupo, pois ao destrinchar toda a estrutura deste veículo de comunicação compreenderam sua produção e aprenderam a produzi-lo. Com o projeto Ceusol das Faculdades Claretianas realizando a capacitação de professores e alunos na aldeia, surgiu o desejo de transformarmos o jornal em um telejornal.

Os alunos partiram então para um novo processo do trabalho, ou seja, rever e reescrever as matérias do jornal de modo a adequá-las para um telejornal, com as informações mais concisas e objetivas, além de escreverem-nas na língua materna.

Para escrever as reportagens na língua materna o grupo precisou se unir e dividir o conhecimento que cada um obteve de seus familiares com relação à língua Bakairi. Após as correções e a certeza de que estava tudo pronto o grupo passou a organizar as filmagens em internas e externas, com reportagens pela aldeia e no "estúdio" que teve o rio Pakuera como escolhido.

Depois das filmagens realizadas uma parte do grupo acompanhou a edição do material e colaborou na colocação das legendas finalizando mais esta etapa.

#### **IV - Conclusão**

O início do trabalho com a língua portuguesa almejava contemplar apenas as expectativas quanto às dificuldades encontradas pelos alunos indígenas tanto com relação à gramática quanto a oralidade, a maneira de expressar-se. No entanto, o decorrer das aulas e o diagnóstico otimista da relação que já estabeleciam com o português motivou-me a buscar novas formas de desenvolver habilidades textuais para aprimorar a produção e a interpretação de textos preparando-os para futuros processos seletivos e para compreender as entrelinhas do mundo não-indígena.

Desta maneira, buscando apoio e preparando o projeto de língua portuguesa pensando na formação crítica do grupo elaborei atividades de leitura e debates utilizando como material, o jornal. Felizmente a turma aceitou e compreendeu a função e a importância de saber ler as informações ali contidas de modo a aproveitá-las da melhor maneira que julgarem.

Ao familiarizarem-se com o jornal os alunos sentiram-se motivados a produzirem o próprio jornal da comunidade comprovando a internalização dos conteúdos. Concomitantemente a língua portuguesa, outras disciplinas foram trabalhadas na

elaboração das matérias jornalísticas enriquecendo e contribuindo de fato para a compreensão da segunda língua.

Todavia, o trabalho despertou o interesse no grupo em transformar o material elaborado em português para a língua materna. O que a princípio parecia simples para os alunos, com o desenvolvimento do trabalho para o Bakairi revelou uma dificuldade, pois com o problema da língua materna não ser normatizada ao transcrevê-la houve e há margens para possíveis enganos dependendo do ponto de vista de cada grupo Bakairi. Tal fato demonstrou a todos a necessidade urgente de uma política sociolingüística que preserve e fortaleça aspectos indispensáveis a língua Bakairi e que, no entanto, normatize-a.

Para resolvermos a questão por hora para a conclusão do trabalho, entramos em consenso e com a ajuda de alguns professores fizemos a legenda de acordo com o grupo mais próximo ao telejornal. Os alunos se uniram para a transcrição, correções e adequações.

O trabalho em questão confirmou o potencial dos alunos indígenas com relação à língua portuguesa e demonstrou o interesse existente em produzir materiais na língua materna para a própria comunidade adequando o conteúdo e os fatos, porém a falta de um estudo sério sobre a língua Bakairi impossibilita a produção de materiais de qualidade e de independência para tais elaborações.

O grupo aproveitou todo o processo do trabalho e compreendeu que a prática é a melhor maneira de desvendar os caminhos que o conhecimento tece. O que a princípio pode parecer incompreensível ao observar a complexidade de uma teia, torna-se um leque de possibilidades ao revelar a amplitude que ela nos trás.

## Bibliografia

BATHES, Roland. In: *O rumor da língua*, Pg. 99. 1988.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral?*. Campinas/SP. Ed. Curt Nimuendajú, 2007.

FONDO INDÍGENA. Bolivia. *SIAPP - Sistema de Información Y Administración de Programas Y Proyectos*. Disponível em: [http://www.fondoindigena.org/proyectos/php/proy\\_resumen.php?codigo\\_proy=taiu](http://www.fondoindigena.org/proyectos/php/proy_resumen.php?codigo_proy=taiu) a@yahoo.com.br. Acesso em maio de 2009.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?*. [s.l., s.n] . Impressão em setembro de 2005.

POIURE, Genivaldo G. *A reconquista da Paxola*. IN: *Sócio-diversidade indígena: Ensaios de Educação Escolar no Projeto Tucum*.(Orgs.) ZORTHÊA, Kátia S; MENDONÇA, Terezinha F. de. Gráfica Ed. Defanti. pg. 113. 2003.

TAUKANE, Darlene Yaminalo. *A História da Educação Escolar entre os Kurâ- Bakairi*. Cuiabá: Gráfica Print, 1999.

---

[1] Fonte: site <http://www.fondoindigena.org/contacto.shtml>

[2] Termo utilizado entre os Bakairi para designar não - indígena.

[3] MONTEIRO, Tânia. O Estado de São Paulo. Sexta-feira, 16 de maio de 2008. Nacional - A11.